

“AINDA VIRO ESTE MUNDO EM FESTA, TRABALHO E PÃO”¹: POSSIBILIDADES DE (RE)EXISTÊNCIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO PLANTIO SOLIDÁRIO DO MST²

Thamara Barbosa Teixeira Dias³
Kíssila Teixeira Mendes⁴

RESUMO

O presente artigo é um relato de experiência do Plantio Solidário, projeto desenvolvido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) em parceria com diversas organizações e movimentos sociais de Juiz de Fora com o objetivo de plantar, cuidar e colher 5,5 toneladas de alimentos saudáveis. O projeto foi realizado no Assentamento do MST Denis Gonçalves, Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa ação participante que utilizou como instrumento o diário de campo, sendo os dados categorizados pela análise de conteúdo do tipo temática. Destacaram-se no processo as categorias formação política, trabalho e saúde mental, que serão debatidas à luz do referencial da psicologia crítica e marxista. Podemos concluir que o processo formativo historicizado e crítico, em conjunto com o trabalho não alienado e coletivo desencadeou um sentimento de pertença e melhorias na saúde mental do público atendido. Todo esse processo, não encerrado com o fim da pesquisa, se expande e ocupa um lugar de grande importância nas lutas da atual conjuntura - derrubada do bolsonarismo e construção de um trabalho de base com horizonte o fim do capitalismo. A psicologia comunitária, em sua práxis crítica e formativa possui ferramentas que contribuem com o processo, mas cabe aqui uma necessidade de se atentar e dispor de outros saberes para que se tenha uma construção coletiva.

Palavras-chave: Reforma Agrária. Plantio Solidário. Formação política. Trabalho. Saúde Mental.

“AUN CONVIERTO ESTE MUNDO EN FIESTA, TRABAJO Y PAN”: POSIBILIDADES DE (RE)EXISTENCIA A PARTIR DE LA EXPERIENCIA DEL

¹ Trecho da música Viramundo – Gilberto Gil. Os trechos das músicas utilizadas no artigo possuem significado afetivo à pesquisadora construído durante o período da prática.

² Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e relações sociais, comunitárias e políticas. Recebido em 24/10/2022 e aprovado, após reformulações, em 23/11/2022. Esse artigo foi realizado a partir de pesquisa submetida a um Comitê de Ética em Pesquisa, com o parecer de aprovação na Plataforma Brasil sob o número 5.725.475/2022.

³ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). Email: thamaradias84@yahoo.com.br

⁴ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). Email: kissilamm@hotmail.com

PLANTÍO SOLIDARIO DEL MST

RESUMEN

Este artículo es un relato de experiencia del llamado Plantío Solidario, proyecto desarrollado por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST) en conjunto con diversas organizaciones y movimientos sociales de Juiz de Fora, que tiene como objetivo el plantío, el cuidado y la cosecha de 5,5 toneladas de alimentos saludables. El proyecto fue realizado por el Asentamiento del MST, Denis Gonçalves, Minas Gerais. Se trata de una pesquisa acción participante que ha usado como herramienta el diario de campo, con los datos categorizados por el análisis de contenido del tipo temático. En el proceso se destacaron las categorías formación política, trabajo y salud mental que han sido debatidas ante el referencial de la psicología crítica y marxista. Fue posible concluir que el proceso formativo, historizado y crítico, junto al trabajo no alienado y colectivo, desencadenó un sentimiento de pertenencia y mejoras en la salud mental del público atendido. Todo el proceso, no terminado con el fin de la pesquisa, se expande y ejerce gran importancia en las luchas dentro de la actual coyuntura - las de la derrocada del Bolsonarismo y de la construcción de un trabajo de base con perspectiva hacia fin del capitalismo. La psicología comunitaria, en su praxis crítica y formativa, posee herramientas que contribuyen con este proceso, aunque hay una necesidad de atenderse y disponerse de otros saberes para que haya una construcción colectiva.

Palabras clave: Reforma Agraria. Plantío Solidario. Formación política. Trabajo. Salud Mental.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa relatar a experiência no Plantio Solidário, ação construída entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e diversas organizações sociais e populares da cidade de Juiz de Fora. As práticas foram articuladas para diminuir os impactos imediatos da fome aumentados pelo governo Bolsonaro (2019 - 2022) e para ampliar discussões políticas de base. A partir das vivências foi possível questionar e refletir as estratégias de resistência coletiva e suas consequências a partir da realidade presente.

Faz-se necessário, assim, contextualizar o Brasil atual, que pode ser descrito por opressões e violências de diversas ordens. No entanto, em um contexto de crise global do capitalismo, que segue ditando um projeto hegemônico do capital e construindo, através de discursos e ações, um modelo de sujeito ideal, alinhado ao

neoliberalismo (DARDOT; LAVAL, 2016), forças antagônicas resistem e lutam historicamente por um projeto de uma nova sociedade brasileira e formas de combates às expressões da questão social.

Decerto, o capitalismo não inaugura a pobreza. Assim, qual a diferença da pobreza da sociedade capitalista para as outras? Em uma sociedade de escassez, onde não há, de fato, bens para que todos supram suas necessidades, a acumulação de riqueza de alguns (vista pelos liberais como necessária para o desenvolvimento das forças produtivas) só é possível por meio da desigualdade “natural” de classes. Essa é a característica das sociedades pré-capitalistas. Porém, na sociedade capitalista a pobreza não se dá por conta da escassez: “quanto mais riqueza produz o trabalhador, maior é a exploração, mais riqueza é expropriada (do trabalhador) e apropriada (pelo capital). Assim, não é a escassez que gera a pobreza, mas a abundância (concentrada a riqueza em poucas mãos) que gera desigualdade e pauperização absoluta e relativa” (MONTAÑO, 2012, p. 279). Assim, como já nos alerta Marx (1980, n.p), “deve haver algo de podre na essência mesma de um sistema social que eleva sua riqueza sem diminuir sua miséria”.

Em sua fase atual, o neoliberalismo, a pobreza adquire (não tão) novas formas, com a intervenção estatal minimizada, focalizada, e financiada, basicamente, pela perda de direitos dos trabalhadores. O neoliberalismo, em seu funcionamento, tem como projeto político a intensificação de uma massa de inclusões perversas⁵: enquanto poucos acumulam grande quantidade de dinheiro e bens, muitos não têm condições básicas de vida e dignidade, garantidas constitucionalmente (SAWAIA, 2014). Nesse contexto, intensificado pelo governo fascista de extrema direita, que cessa constantemente políticas públicas sociais, o Brasil se encontra, depois de anos, novamente no mapa da fome (GUIMARÃES, 2021). No II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Brasil apresentou-se a estimativa de 125,2 milhões de brasileiros em algum grau de insegurança alimentar, correspondendo a 58,2% da população (II INQUÉRITO NACIONAL SOBRE INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL, 2022). Sendo a fome um projeto político e considerando a tarefa histórica na construção de uma sociedade mais igualitária, é necessário fornecer não apenas comida ao povo, mas lutar pela garantia e fortalecimento de políticas

⁵ “... o excluído não está à margem da sociedade, mas repõe e sustenta a ordem social, sofrendo muito nesse processo de inclusão social” (SAWAIA, 2014, p. 12).

públicas que diminuam essa lacuna abissal de desigualdades causada pela história e pela atual organização econômica do país (GUZZO, 2016), ainda que compreendendo as limitações dessas políticas. Economia essa de caráter colonizador-escravocrata-dependente - e latifundiário - que perpetua as diferenças para manter a classe dominante, tendo assim, como única alternativa de mudança a ruptura com o sistema capitalista (COSTA; MENDES, 2020). Faz-se necessário, para tal, compreender brevemente sobre a questão da terra no Brasil e o papel do MST.

2 MEMÓRIA HISTÓRICA, TAREFA NOSSA: A DISTRIBUIÇÃO DA TERRA NO BRASIL E A HISTÓRIA DO MST.

A luta pela distribuição da terra tem caráter histórico no Brasil. Desde a invasão dos portugueses e a divisão desigual e improdutiva, operam em território nacional resistências contra a apropriação e mercantilização das terras e da natureza. No período da ditadura militar intensificaram os agravamentos socioeconômicos da população mais pobre no Brasil, além da repressão direta às forças resistentes que historicamente lutaram por terra e reformas sociais. Mesmo em meio às intensas repressões, surge, de forma organizada, em 1984, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) com o objetivo de lutar pela terra, pela reforma agrária e mudanças sociais no país (MST, 2022). “Queremos ser produtores de alimentos, de cultura e conhecimentos. E mais do que isso: queremos ser construtores de um país socialmente justo, democrático, com igualdade e harmonia com a natureza.” (MST, 2022).

A nova constituinte de 1988 garantiu a desapropriação das terras que não cumprissem sua função social, mas, apenas em 1993, com a Lei Agrária (Lei 8.629, de 25 de fevereiro de 1993), que começou a ser garantido o que estava prescrito constitucionalmente. Citam-se alguns critérios que classificam uma terra como em funcionalidade social ou não, são eles: I - aproveitamento racional e adequado; II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente; III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho; IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores (BRASIL, 1993).

As mudanças e novas formas de se (re)produzir o sistema capitalista fizeram com que os debates da resistência se aprofundassem e radicalizassem cada vez

mais. Dessa forma, ao se discutir as pautas pensando em suas raízes e questões estruturantes, pôde-se formular planos de luta mais complexos e que englobassem a população de maneira geral. O MST em sua constante reflexão, estudo e debates críticos percebeu que a reforma agrária é uma necessidade de toda a população, não apenas um interesse dos camponeses. Assim, aderiram como ferramenta metodológica a matriz agroecológica, sendo possível produzir alimento saudável para a população, através de trabalho digno e respeitando a natureza (MST, 2022).

Outro ponto estruturante e área de atuação prioritária no MST é a educação que, sabe-se que no Brasil, sempre esteve atrelada aos interesses da ideologia dominante. A educação do capital direciona suas formações para setores da indústria e do mercado de trabalho, tratando o cuidado com a terra como um saber popular e sem importância. Sendo essa um lugar de produção de vida, de alimentos saudáveis e de existência, funda-se em princípios comunitários e na invenção da vida, o MST luta constantemente pela garantia de uma educação no campo. Lutam pelo direito de ler e escrever suas próprias histórias, pela ocupação do “latifúndio do saber” para, assim, contribuir com o desenvolvimento do campo em setores sociais, culturais, ambientais e econômicos. Assim, “ocupar o latifúndio é mais que romper a cerca de arames farpados. Em certa medida, é romper com a história de subordinação total ao capital” (RAMOS, 2020, p. 5).

A formação política do MST, que ocorre desde os assentados e acampados até os dirigentes nacionais, acontece de forma ampla e abrangente e é realizada de maneira integral e em vários momentos e usando diversas estratégias, sendo construída no cotidiano das lutas e do trabalho. Tornou-se um dos pilares do movimento, sendo ferramenta essencial no desenvolvimento da consciência político-organizativa e na superação dos desafios impostos pela realidade. Tendo como objetivos entender a realidade e criar recursos para transformá-la, para que a formação ocorra de maneira bem sucedida é necessária a implementação dialética na articulação de diferentes níveis de saberes. Assim, o saber científico é de grande valia para fortalecer o movimento e zelar pela unidade política e ideológica (PIZETTA, 2007).

Sempre empenhados em refletir sobre sua prática, o MST passou por uma mudança de sua forma de produção ao perceber que a chamada Revolução Verde⁶

⁶ Forma de produção utilizada pelo agronegócio; era utilizada pelo MST através de cooperativas produtivistas, buscando espaço para disputar com a concorrência desleal. Para isso era necessária modernização em diversos fatores, como o maquinário, o uso de substâncias químicas e lavouras de

não estava aliada com os trabalhadores e com a natureza, sendo mais uma ferramenta cooptada pelo capital. Dessa forma, ao adotar a agroecologia como sistema cultural e de produção, foi possível seguir a luta por uma reforma agrária popular, sendo o objetivo a garantia da soberania alimentar de toda a população e a preservação da natureza (ZARREF, 2018). Assim:

A agroecologia é uma coevolução entre o sujeito social do campo e o meio ambiente ao seu redor, sua natureza exterior. À medida em que produzimos agroecologicamente na terra conquistada, com cooperação, com novas relações sociais, estamos reconstruindo nós mesmos, nossos coletivos e nossos territórios. E, com os frutos desse processo, alimentando as famílias trabalhadoras brasileiras (ZARREF, 2018. n.p.).

Nesse sentido, preocupados com o momento político e socioeconômico do país e da região, o MST adotou estratégias para diminuição da fome e da miséria. O MST da Zona da Mata Mineira elaborou uma grande campanha chamada Plantio Solidário. Nela, pretende-se plantar, cuidar, colher e distribuir 5.5 toneladas de verduras, legumes e tubérculos que integrarão as cestas básicas de famílias em situação de vulnerabilidade dos centros urbanos de três cidades da região, Juiz de Fora, Goianá e Chácara. Mesmo possuindo como foco a produção de alimentos, pensa-se também na articulação e formação política dos assentados e dos voluntários. Estes são militantes e simpatizantes do MST, além de famílias que são beneficiadas com o trabalho. Assim, são realizadas formações em práticas agroecológicas, sistemas agroflorestais e segurança alimentar.

A metodologia de trabalho⁷ utilizada segue os preceitos do MST, que tem como fundamento a organicidade, levando em conta a equidade de gênero, divisão de tarefas, auto-gestão e a construção coletiva. Nesse sentido, não apenas parceiros e voluntários do MST têm a oportunidade de se aproximar do movimento, mas também as famílias beneficiadas, sendo uma ação que visa além do assistencialismo, oferecendo também formação política e perspectivas de trabalho e vida.

Para a execução do trabalho as tradições do MST são respeitadas, e assim, as divisões acontecem de forma em que todos os envolvidos possuem espaço para

monocultura. Tais técnicas permitiriam que a produção se alargasse e garantiria a permanência e sustento nas terras, mas iam de encontro com os preceitos de preservação da natureza e rompimento com o capitalismo (SILVA, 2011).

⁷ Foi utilizado como base o projeto do Plantio Solidário elaborado por militantes do MST, no qual, por estar colaborando ativamente, tive acesso ao material não publicado.

falar e lugar de importância na reflexão crítica de todo o trabalho. Todas as tarefas são realizadas em mutirões de trabalho e as equipes são divididas de acordo com as demandas do dia, sendo um propósito o revezamento, para que todos possam aprender as diversas práticas, manejos e fases do trabalho.

Existem também outros setores que são de fundamental importância para que o Plantio aconteça, como a mística, a ciranda das crianças, o setor da saúde, a coordenação e a área responsável pela alimentação. A mística acontece no momento inicial, sendo uma práxis cultural do movimento, contribui para alimentar e reavivar o espírito para a luta e para os valores como solidariedade, companheirismo, internacionalismo e ética, que são ressaltados nesse momento de troca, reflexão e cuidado. Para que os responsáveis possam desempenhar o trabalho no campo, as crianças ficam sob cuidado da ciranda, que a partir do reconhecimento delas como sujeitos do processo de transformação e luta, procura meios educativos e lúdicos práticas direcionadas para somar. A alimentação e a saúde integral podem ser considerados em seus aspectos práticos e políticos, sendo de fundamental importância em todo o processo do Plantio. Fica a cargo da coordenação as diligências de todo o projeto, que é pensado de maneira horizontal e participativa. Dessa maneira, é possível entender como é o funcionamento e organização do movimento, perceber a lente que ampara a visão de mundo e somar na luta. Nesse contexto, houve a inserção da pesquisadora, que acompanhou o desenvolvimento e as ações do Plantio desde maio de 2022.

3 MÉTODO

A pesquisa consiste em um relato de experiência com o objetivo de descrever e refletir sobre o Plantio Solidário para contribuir na discussão e proposição da inserção da psicologia nos movimentos sociais. Trata-se de uma pesquisa participante, de natureza aplicada, objetivo exploratório, e abordagem qualitativa. A construção dos dados foi realizada a partir da técnica da observação participante de todo o processo, que consiste em participar ativamente do cotidiano estudado, representando o estabelecimento das relações e construção de conhecimento da pesquisadora com os sujeitos e o ambiente estudado, possibilitando o conhecimento da cultura e linguagem, sendo uma maneira eficaz de perceber a multiplicidade e as contradições da realidade (FRIZZO, 2010). O estudo foi submetido ao Comitê de Ética do UniAcademia, sendo aprovado por meio do parecer 5.725.475, de 2022.

As observações foram realizadas no Assentamento do MST Denis Gonçalves, sua área faz divisa com os municípios de Chácara, Goianá e São João Nepomuceno, em Minas Gerais, e aconteceram aos sábados, durante os mutirões do Plantio Solidário. Estas contaram com a participação de assentados do MST, voluntários militantes e famílias beneficiadas com o alimento produzido. Por se tratar de um ambiente inclusivo, há espaço para crianças e adultos, e o número de frequentadores varia de semana a semana. O deslocamento da cidade de Juiz de Fora ao assentamento é organizado pela comissão e dividido em caronas e van.

Foram acompanhados cerca de 11 mutirões no período de maio de 2022 a outubro de 2022. A pesquisadora participou dos mutirões desempenhando as diversas etapas do trabalho produtivo desde o plantio até a colheita e distribuição dos alimentos. Participou também das cirandas, como já descritas, que possuem um papel de grande importância na integração das crianças ao trabalho que está sendo desenvolvido, sendo um cuidado formativo direcionado. Integrou também a comissão de formação do Plantio, que extrapola os mutirões e é responsável por pensar todo o processo formativo das famílias e militantes, desenvolvendo e sistematizando metodologias. Tudo que é realizado no Plantio Solidário tem um planejamento anterior, decidido coletivamente em reunião com militantes e voluntários durante a semana. São diversas as comissões que, juntas, chegam aos resultados finais dos mutirões. Desenvolver tais ações possibilitou a ampliação do processo formativo para além dos sábados, sendo uma ação contínua e constante dentro do Movimento, o que propiciou uma participação ativa e aproximação com os sujeitos envolvidos. Sendo assim, a pesquisa pode ainda se caracterizar como uma pesquisa (ou investigação) ação participante. Esta, cunhada por Fals Borda, “com centralidade à práxis e devolução sistemática do conhecimento construído junto aos sujeitos, trabalhando na construção de uma ciência autônoma e de um paradigma alternativo” (CICHOSKI; ALVES, 2022, p. 63).

Como principal instrumento de registro de dados foi utilizado o diário de campo, espaço livre para registro de angústias, percepções, questionamentos e informações, refletindo a dialética desencadeada pela tomada de consciência da pesquisadora durante o processo (FRIZZO, 2010). Os dados coletados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo do tipo temática (GOMES, 2008). As categorias analíticas foram determinadas *a posteriori* da realização da pesquisa de campo e, para esse artigo, serão frisadas as categorias formação política, trabalho e

saúde mental, que serão analisadas à luz do referencial teórico da psicologia crítica e suportes de outras áreas do saber.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO - DA SEMEADURA À COLHEITA

4.1 AFAGAR A TERRA ⁸- O PROCESSO FORMATIVO DO MST

A formação política de base é um dos pilares que sustenta o MST e que se faz de diferentes maneiras, espaços e públicos. A formação se dá em aspectos históricos, culturais e de discussão. Conhecer o território e sua história faz com que a luta ganhe sentido. Vivenciar culturalmente o movimento faz com que se crie um sentimento de pertença. Estudar e discutir permite que se avance nos debates e compreenda o caminhar.

Nesse sentido, para além da história do MST já exposta, torna-se importante falar sobre o território em que a pesquisa foi realizada. O Assentamento Denis Gonçalves se localiza na região da Zona da Mata Mineira, antiga Fazenda Fortaleza de Santanna, que já foi considerada uma das maiores produtoras de café do Brasil em seu auge - de exploração da mão de obra escrava. Terra abundante, com área de duas Sesmarias, foi doada pela Coroa para que a Baronesa expandisse suas riquezas. Considerada no final do século XIX e início do século XX como uma das mais modernas devido a estrutura física do maquinário, carrega também a fama de que era uma boa fazenda para os escravos (sobre)viverem. Tal percepção é contraditória considerando que também era reconhecida como uma fazenda de grande potencial na reprodução de escravos, explorando a reprodução humana para a comercialização. As posses passaram de uma família poderosa a outra e, após intensa exploração da terra e o fim do ciclo do café, grande quantidade de terra não estava sendo utilizada.

Foram anos de luta entre ocupações e despejos até que o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) desapropriou e garantiu que ali fosse uma área da Reforma Agrária. Ocupado em 2010⁹, o Assentamento Denis Gonçalves tem grande importância no território, com relação estabelecida com as potências políticas da região, movimentando a economia e o comércio, além de ser importante ferramenta de luta formativa.

⁸ Os subtítulos que se sucedem são trechos da música O Cio da Terra – Chico Buarque.

⁹ Para saber mais acesse o site: <https://mst.org.br/2022/03/25/assentamento-denis-goncalves-12-anos-de-resistencia-e-esperanca/>

A formação política dos mutirões do Plantio Solidário, para além da prática agroecológica, se estende a conhecer a história e o território, despertando assim, a cada dia, sentido para a ação. Se amplia também a partir do momento em que é utilizada como ferramenta para a construção política de base com a população dos bairros assistidos, funcionando como instrumento importante para a reflexão crítica sobre o processo das eleições presidenciais.

A metodologia formativa utilizada com as famílias assistidas consiste na base do diálogo e da troca de experiências e saberes. Durante os encontros são ressaltados a importância da luta e da conquista da terra em que estão pisando, assim como a apresentação da parte histórica do assentamento, possibilitando a recuperação da memória histórica e o sentido de pertencimento a causa e ao território. Também é realizada a escuta dos relatos dos próprios bairros e da vida cotidiana dos assistidos, momento em que é possível perceber diferentes lutas e realidades caminhando em um horizonte de luta, ressaltando a importância da mobilização comunitária. Encontros formativos com todas as famílias e militantes estão sendo organizados com o objetivo de maior troca, aprofundamento das questões já discutidas e celebração da nova etapa do Plantio, é chegada os plantios de verão.

É possível perceber a conformidade do processo formativo desenvolvido com as tarefas urgentes eleitas por Martín-Baró (2011) para a psicologia. Ele resalta a necessidade da recuperação da memória histórica, que perpassa a (re)descoberta a partir da memória coletiva do povo do sentido da própria identidade e de ressaltar fatores úteis para a luta e libertação da classe explorada. Traz à tona a importância de desideologizar a experiência do cotidiano, para que, dentro de uma sociedade que constantemente aliena sua população, possa resgatar as experiências originais, dá-las sentido e fazer com que isso contribua para a formação da consciência, vivenciado a partir do fazer crítico. Como última tarefa eleita, Martín-Baró resalta a importância da potencialização das virtudes dos povos, tradições populares que foram e ainda são fonte de resistência para o povo oprimido.

O papel do processo formativo do MST, então, transcende o de transmissão de informações, possuindo como aspecto central a conscientização. Nesse aspecto, Martín-Baró (1996) também é elucidativo ao definir a conscientização como o papel e horizonte da psicologia, sendo a consciência “o saber, ou o não saber sobre si mesmo, sobre o próprio mundo e sobre os demais” (p. 14). Nesse sentido,

Ao afirmar que o horizonte primordial da psicologia deve ser a conscientização, se está propondo que o quefazer do psicólogo busque a desalienação das pessoas e grupos, que as ajude a chegar a um saber crítico sobre si próprias e sobre sua realidade. Como consequência do viés da psicologia, assume-se como óbvio o trabalho de desalienação da consciência individual, no sentido de eliminar ou controlar aqueles mecanismos que bloqueiam a consciência da identidade pessoal e levam a pessoa a comportar-se como um alienado, como um “louco”, ao mesmo tempo em que se deixa de lado o trabalho de desalienação da consciência social, no sentido de suprimir ou mudar aqueles mecanismos que bloqueiam a consciência da identidade social e levam a pessoa a comportar-se como um dominador ou um dominado, como um explorador opressivo ou um marginalizado oprimido (p.17).

Assim, o processo de formação, aliado à prática do plantio, terá reverberações cruciais na própria concepção e consciência de si, de mundo, sobre trabalho e sobre alienação, como veremos a seguir.

4.2 CONHECER OS DESEJOS DA TERRA - A CATEGORIA TRABALHO

O trabalho, assim definido por Marx (1983), é a condição necessária para o intercâmbio entre o ser humano e a natureza, atuando numa corrente de via dupla, em que o homem, ao modificar a natureza externa, se transforma. São inúmeras as potencialidades desenvolvidas nesse processo de transformação da realidade, o que diferencia o ser humano do animal, que age de maneira instintiva. Ao ser considerado essencialmente humano, o trabalho, para além da possibilidade de transformação da natureza, pode ser considerado como fundamento para o ser social, na medida em que se atribui sentido a ele, sendo projetado idealmente antes mesmo da sua execução.

Enquanto característica ontológica do ser humano, acrescenta-se ao trabalho o caráter coletivo, determinando-se a partir da função social dada ao seu trabalho pelo outro indivíduo. No capitalismo, o valor monetizado ao processo produtivo depende do valor sobre o produto, sendo assim, a mão de obra do trabalhador se configura como uma moeda de troca do mercado, a própria mercadoria. Tal apropriação desfigurou a relação do homem com o trabalho, tornando-o alienado em esferas subjetivas (ideações) e concretas, causando profundo estranhamento em tal relação. Assim, nos moldes econômicos vigentes nos dias de hoje, o homem e sua força de trabalho tornam-se objetos do capitalismo e a mercadoria por ele produzida ultrapassa o seu valor de mercado, tornando-se sujeito que sustenta as relações sociais (FRANÇA JUNIOR; LARA, 2015).

A inversão das relações sociais posiciona o homem em um lugar de coisa e produto, sendo responsável por trabalhar e consumir para manter o sistema. Tal configuração coloca a mercadoria, criada pelo homem, em uma posição que o domine nas relações sociais estabelecidas. Marx nomeia de fetichismo da mercadoria a relação de alienação que ocorre no processo de produção - consumo que oculta a característica social do trabalho, reforçando o lugar coisificado do homem (CUNHA; ABREU; VASCONCELOS; LIMA, 2014). Seguindo o raciocínio da inversão das relações de dominação, ao coisificar e objetivar o homem, o mesmo acontece com sua subjetividade, que segue as lógicas de dominação do mercado, sendo uma mercadoria das relações sociais (COSTA; MENDES, 2020).

Nesse sentido, cabe ressaltar o caráter alienante em que as relações de trabalho no mundo capitalista ocasionam, transformando a força de trabalho e a subjetividade humana em mercadorias que precisam responder à constante e desenfreada lógica do capital (COSTA; MENDES, 2020).

Teríamos, a partir da razão neoliberal, uma engenharia de controle dos corpos e das subjetividades, que imputa às próprias pessoas este papel de controle - e as culpabiliza pelos efeitos causados; uma terceirização pelo Estado, enquanto gerente dos interesses da burguesia, do disciplinamento e controle, bem como uma automatização das mentes e corpos (COSTA; MENDES, p. 96-97, 2020).

Com o exposto, torna-se possível compreender que a crítica negativa de Marx ao trabalho se dá dentro do sistema capitalista, sendo, então, uma crítica ao capitalismo (CUNHA; ABREU; VASCONCELOS; LIMA, 2014). Marx (2004), em Salário, preço e lucro, é esclarecedor em relação às consequências do trabalho alienado e da exploração do ser humano pelo ser humano:

O homem que não dispõe de nenhum tempo livre, cuja vida, afora as interrupções puramente físicas do sono, das refeições, etc., está toda ela absorvida pelo seu trabalho para o capitalista, é menos que uma besta de carga. É uma simples máquina, fisicamente destruída e espiritualmente animalizada, para produzir riqueza alheia. E, no entanto, toda a história da moderna indústria demonstra que o capital, se não se lhe põe um freio lutará, sempre, implacavelmente e sem contemplações, para conduzir toda a classe operária a este nível de extrema degradação (MARX, 1865, p. 26).

No entanto, nas fissuras do sistema criadas através da subversão dos movimentos sociais é possível perceber as relações de trabalho se concretizando enquanto humanizadoras, possibilitando as interações e trocas sociais a partir de uma prática orientada e com sentido. O Plantio Solidário, enquanto estratégia criada para diminuir os impactos imediatos causados pela crise gerada pela crise estrutural do capitalismo, opera de forma a criar fissuras, através do trabalho, para combater a

fome e fortalecer as relações sociais. O trabalho não alienado¹⁰ é possibilitado a partir da formação crítica e historicizada da realidade, a partir da horizontalidade de decisão, assim como nas divisões das tarefas e através do acompanhamento do processo, desde o plantio, cuidado, colheita e distribuição dos alimentos. Ou seja, em uma possibilidade de produção de sentido do trabalho para além do mercantil.

Durante as observações e vivências foi possível perceber de forma explícita o trabalho enquanto ferramenta humanizadora da existência. As relações de trabalho dignas em prol da luta social, em um processo de conscientização das causas e do povo, permitem a aproximação dos voluntários, despertando o sentimento de pertencimento e bem estar. A luta por condições dignas e por cidadania tornam-se fatores que influenciam a saúde dos participantes.

A (re)descoberta do sentido da práxis a partir da inserção intencional no campo político da vida possibilita a manutenção ou transformação das relações sociais. Ao recuperar não só o sentido do trabalho, mas também da vida e da luta, encontram-se outros aspectos possibilitados com esse despertar. A luta por condições básicas de vida e pela garantia de sobrevivência, através do compartilhamento da luta e da solidariedade de classe, possibilita o conhecimento e defesa de seus próprios direitos. O vicejar revolucionário trazido pelo resgate da memória histórica e do sentido através da formação política constroem campos de potência que possibilitam o reconhecimento do sujeito do seu lugar na vida (ROSA, 2017).

Dizem que os trabalhadores lutam e são revolucionários porque não têm nada a perder além de suas correntes. Os camponeses, em contrapartida, lutam e são revolucionários porque têm algo a perder; porque não querem ser despossuídos do que ainda lhes resta, suas comunidades: os pequenos e afetuosos mundos que souberam preservar do capitalismo¹¹ e que quiseram disseminar para o mundo inteiro (VERGÉS, p. 207).

4.3 CIO DA TERRA, A PROPÍCIA ESTAÇÃO - OS IMPACTOS DA PARTICIPAÇÃO NO PLANTIO NA SAÚDE MENTAL

A constante reatualização do capitalismo altera as diferentes concepções estabelecidas na sociedade, trazendo a importância de se analisar o contexto histórico e as maneiras de organização social para o entendimento dos modelos explicativos (TAMBELLINI; MIRANDA, 2021). A elucidação em torno da saúde

¹⁰ Cabe aqui ressaltar que não se trata da realidade de todo o Campesinato o trabalho não alienante. Muitos trabalhadores do campo são explorados e assediados pelo capital (VERGÉS, 2021).

¹¹ Vale aqui ressaltar que os camponeses, mesmo os mais inseridos na luta revolucionária, continuam em uma sociedade capitalista. Nesse sentido, ser despossuído de suas terras significa perda afetiva e material, já que seu sustento vem de seu trabalho na terra.

atualmente é um exemplo, podendo ser utilizada como um mecanismo capaz de regular e modular o modo como o ser humano deve se relacionar consigo e com o mundo. Para que fosse possível o controle dos corpos, tornou-se necessário que as formas de se fazer a saúde objetivassem as relações e, conseqüentemente, objetivasse também o sujeito. A psicologia, enquanto dispositivo da saúde, pode validar modos de viver, forjando subjetividades. A partir do histórico perfil elitista e segregador da profissão, é possível destacar que, produzida de maneira hegemônica, sempre esteve atrelada aos interesses do Estado e do capital (MEDEIROS; BERNARDES; GUARESCHI, 2005).

Os estudos em saúde sempre atraíram muita atenção e, a partir da inserção das análises sociais nos paradigmas, foi notória a relação entre condições de vida e saúde. Este conhecimento, devido ao contexto histórico - capitalista -, foi utilizado para criação de lógicas de controle e isolamento da população (MEDEIROS; BERNARDES; GUARESCHI, 2005). A constante reflexão crítica da realidade impulsionou estudos mais ampliados no campo da saúde, assumindo as determinações sociais da saúde/doença¹² de maneira integral e não cartesiana. Para isso, torna-se necessário que se considere que as relações são constituídas na sociedade, articuladas com componentes políticos, econômicos, socioecológicos, culturais, biológicos e psíquicos de maneira historicizada e dialeticamente determinadas, sendo possível tratar as diferentes dimensões da vida na relação com a saúde. Fatores antes não analisados ganham importância em sua consideração, são eles: condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra, acesso aos serviços de saúde e demais componentes da vida humana (TAMBELLINI; MIRANDA, 2021).

Nesse sentido, Martín-Baró (2017), ao definir saúde mental como a materialização das estruturas das relações históricas em que o sujeito está inserido, permite a compreensão do termo de maneira mais ampla. Não se desconsidera manifestações internas e individuais, mas permite entender a relação do sujeito com o mundo em que está inserido, agindo enquanto participante de sua realidade. Diversos são os pontos que podem ser parâmetros de análise na interferência da saúde mental do povo. Para isso, é importante destacar que em um encadeamento

¹² “A determinação social da saúde é um referencial teórico que discute a abrangência da coletividade e do caráter histórico-social do processo saúde-doença, não colocando em foco discussões de dados epidemiológicos individuais” (ROCHA; DAVID, 2015, p. 132).

de questões ocasionadas por uma grave crise estrutural-social, as classes sociais, de maneira direta ou indireta, são afetadas de formas diferentes. Outro horizonte reflexivo é o envolvimento dos sujeitos na situação, seja como afetados pela crise ou como atores da resistência. Levanta-se também a necessidade de observar a temporalidade da situação em que se instaura, seus efeitos diretos e indiretos.

A situação político social atual do Brasil, marcada por desemprego, fome, falta de moradia e de perspectivas, corte de investimentos em saúde e educação e destruição do meio ambiente, revela as contradições existentes entre o indivíduo com a sociedade, que são vividas coletivamente e também de forma singular (MOREIRA; GUZZO, 2015), e podem acentuar quadros ligados à saúde mental já existentes, que embora possam não significar adoecimento, trazem implicações à psicologia (ROSA; STRUWKA, 2022). Tal conjunto de fatos, analisados a partir de uma perspectiva social, histórica, cultural e política pode ser considerado uma situação limite, em que, ao que se sucede a ele, por mais paradoxal que possa parecer, é possível revelar nos indivíduos suas potencialidades e suas vulnerabilidades, podendo gerar adoecimentos ou sentimento de pertença. A construção coletiva permite que, ao se deparar com a encruzilhada, se dê um passo a mais, buscando “inéditos viáveis” ¹³ para a construção de uma outra realidade possível (MOREIRA; GUZZO, 2015).

Ao se ter bem definido que o acúmulo de capital por uma pequena parcela da sociedade sustenta e afirma as desigualdades sociais, necessárias ao sistema, torna-se possível assumir o lugar de se pensar a psicologia e suas implicações com a realidade. É necessário destacar e refletir as lentes que permeiam o olhar que constrói a teoria, como exemplo as medidas quantitativas que se apresentam, como a mensuração da produção de riquezas do país (PIB), que não conseguem revelar, de modo real, as condições de vida da população. Assim, ter conhecimento que essas pessoas, que possuem determinantes como classe, raça e gênero, são marcadas por um cotidiano de sofrimentos, desânimos, doenças e falta de perspectivas permite à psicologia não patologizar ou psicologizar tais comportamentos. Trazer à tona um debate que coloca a necessidade de se ter bens materiais para a garantia de bem estar não permite que se alce como horizonte de luta a transformação social. Dentro de uma sociedade nos moldes em que se

¹³ Discussão originalmente levantada por Paulo Freire (2021) no livro *Pedagogia do Oprimido*, que serviu como base para Martín-Baró (2017) e abriu portas para Moreira; Guzzo (2015).

encontra atualmente - capitalista - não haverá perspectivas para o fim da desigualdade social (GUZZO, 2016).

Bader Sawaia (2014) debate a importância de se atentar a dor, que mediada pelas injustiças sociais, são classificadas um sofrimento. Tal sofrimento, considerado ético-político, perpassa por diversas instâncias do corpo e da subjetividade, interferindo na vida do sujeito em diferentes contextos. O sofrimento ético-político é um retrato das vivências, marcadas por determinantes históricos, revelando a tonalidade das violências e negações sofridas.

Resgatando Martín-Baró (2017) e a possibilidade de criação inéditos viáveis a partir de situações-limite, traz-se o Plantio Solidário como uma ação do MST para dar um passo a mais no contexto de pobreza e fome que assola o país. As ações despertam a solidariedade de classes, reafirmada na construção coletiva de um plano para a diminuição dos impactos da fome e na construção política de um novo cenário para toda a população brasileira.

Durante o período de ações, que ainda estão em curso, é possível escutar relatos na melhoria da qualidade da saúde e, conseqüentemente, da vida das pessoas. Mulheres em situação de vulnerabilidade que possuem um cotidiano de exploração massiva e fazem uso constante de álcool relataram que em dias de Plantio se sentem muito bem sem a bebida e que se estivessem em casa naquele momento já teriam feito uso. O consumo de remédios controlados também foi pauta, sendo relatado que aos sábados de mutirão não é preciso fazer uso do medicamento para dormir. Além de ser corriqueiros os comentários de como todos anseiam pelos mutirões. Assim, a possibilidade, mesmo que em um dia da semana, de vislumbramento de uma vida não alienada, tem manifestações diretas na saúde mental. Trata-se de um processo de humanização.

A criação de inéditos viáveis abre brechas para questionamentos cotidianos sobre os valores da sociedade. Torna possível perceber que existem outras formas de se fazer vida e de se constituir o trabalho. "... uma ruptura com o cotidiano, como se abrisse para as pessoas uma espécie de espaço e tempo paralelos, possibilitando experiências improváveis de serem vividas em 'condições normais de vida'" (FERNANDES, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a apresentação das análises realizadas a partir da observação participante, torna-se possível traçar linhas intrínsecas entre a qualidade da saúde mental do povo com suas relações de trabalho - alienantes e exploradas. Ter como ponto de partida essa relação permite delinear estratégias de luta, que precisam, necessariamente, possuir como finalidade o rompimento com o sistema capitalista.

Os movimentos sociais, de maneira geral, possuem papel fundamental na ampla resistência contra os constantes ataques que acontecem diariamente. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, através de seu histórico de importância na luta pela Reforma Agrária Popular possui um legado que convoca diversos povos. Integrar as ações coletivas e compreender o sentido da luta permite que o sentimento de pertença aflore e se torne uma ferramenta de trabalho. O cuidado com a terra e com os militantes são centrais ao movimento, sendo característica base a atenção à saúde.

As ações do Plantio Solidário permitiram ilustrar de maneira vivencial bases teóricas comprometidas com o trabalhador e com o povo. Foi possível escutar dos participantes a importância do projeto não só para uma perspectiva de vida e horizonte de luta coletiva, mas de como o projeto faz bem no âmbito individual da saúde e da convivência com os demais. A relação entre consciência, (des)alienação, trabalho e saúde mental se faz evidente.

Para pensar o lugar da psicologia nessa construção é preciso que os saberes dialoguem, para que construídos coletivamente, possam ser uma das ferramentas da ampla luta necessária para o combate das opressões e do capitalismo. A partir do exposto, fica a cargo dos que fazem e constroem a psicologia refletir seu lugar dentro das ações desenvolvidas. É papel dos que constroem a psicologia, através de um processo ativo e dialético, historicizar, contextualizar e compreender a realidade, para, assim, transformá-la. A aquisição da consciência crítica não é garantia de que ocorrerão mudanças sociais, mas é a partir dela que se pode desencadear processos revolucionários. Cabe ao estudante e profissional de psicologia entender o seu lugar na tarefa histórica de transformação, não se colocando em posição de salvador, mas de dispor de seu saber para lutar contra as opressões e a exploração que o capital impõe (MARTIN-BARÓ, 1997).

REFERÊNCIAS

II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID 19 no Brasil. II VIGISAN: relatório final/ Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar - **PENSSAN**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>

BRASIL. Decreto de lei n. 8629, de 25 de fevereiro de 1993. Dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, previstos no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal. **Casa Civil**. Brasília, 1993.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

CICHOSKI, Pâmela; ALVES, Adilson. A pesquisa-ação na obra de Orlando Fals Borda: contribuições para repensar o desenvolvimento rural. **Revista Campo-Território**, Uberlândia-MG, v. 14, n. 34 Dez., 2020.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Teixeira Kíssila. **Subjetividades no Brasil da cólera**: formação e conjuntura. Curitiba: CRV, 2020.

CUNHA, Clíciane Sampaio Pinheiro; ABREU, Daphne Sousa de; VASCONCELOS, Marina Alessandra Santos; LIMA, Sérgio Ricardo Ribeiro. Fetichismo e alienação do trabalho na atualidade a partir das concepções de Marx. **Anais da XIII Semana de Economia da UESB**: Vitória da Conquista, 2014.

FERNANDES, Marco. Luta, que cura! **Passa Palavra**, 2011.

FRANÇA JUNIOR, Reginaldo Pereira; LARA, Ricardo. Trabalho e Ser Social: reflexões sobre a ontologia lukacsiana e sua incidência no Projeto Ético-Político Profissional. **Textos e Contextos**. v. 14, n. 1, Porto Alegre, p. 20 – 31, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 80 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FRIZZO, Kátia Regina. Diário de campo: reflexões epistemológicas e metodológicas. In: SARRIERA, Jorge Castellá; SAFORCADA, Enrique Teófilo. **Introdução à psicologia comunitária**: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulinas, 2010.

GUIMARÃES, José. Com Bolsonaro, o Brasil voltou ao mapa da fome. **Carta Capital**, 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/frente-ampla/com-bolsonaro-o-brasil-voltou-ao-mapa-da-fome/>. Acesso em: 09 de nov de 2022.

RAMOS, Márcia Mara. **Educação popular**: instrumento de formação, luta e resistência no projeto educativo do MST. *Revista de Psicologia*, jun. 2020.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: M. Minayo (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUZZO, Raquel Souza Lobo. A (des)igualdade social e a psicologia: uma perspectiva para o debate sobre a pobreza. In: XIMENES, Verônica. **Psicologia e Pobreza: contribuições para uma análise psicossocial**. Universidade Federal do Ceará, 2016.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Para uma psicologia da libertação. In: GUZZO, Raquel Souza Lobo; LACERDA JUNIOR, Fernando. **Psicologia social para América Latina: o resgate da psicologia da libertação**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2011.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 2, n. 1, jan./jun. 1997.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. Population, crime and pauperism. In: **Collected Works**, v. 16. Nova York: Lawrence & Wishart, 1980, p. 487-91.

MARX, Karl. **Salário, preço e lucro**. São Paulo: Edipro, 2004.

MEDEIROS, Patrícia Flores de; BERNARDES, Anita Guazzelli; GUARESCHI, Neuza M. F. O conceito de Saúde e suas Implicações nas Práticas Psicológicas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 263 – 269, 2005.

MONTAÑO, Carlos. Pobreza, “questão social” e seu enfrentamento. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 110, p. 270-287, 2012.

MOREIRA, Ana Paula Gomes; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Do trauma psicossocial às situações limite: a compreensão de Ignacio Martín-Baró. **Estudos de Psicologia**. Campinas, jul./set. 2015.

MST.O MST: nossa história. 2022 Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/hoje/>. Acesso em: 09 de nov. de 2022.

SAWAIA, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: _____. **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SAWAIA, Bader. Introdução: exclusão ou inclusão perversa?. In: _____. **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Priscilla Gomes da. **A incorporação da Agroecologia pelo MST: reflexões sobre o novo discurso e experiência prática**. 2011. 177f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

PIZETTA, Adelar João. A formação política no MST: um processo em construção. **OSAL**, set. 2007.

ROCHA, Patrícia; DAVID, Helena. Determinação ou Determinantes? Uma discussão com base na Teoria da Produção Social da Saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online]. v. 49, n. 1, p. 129-135, 2015.

ROSA, Leandro Amorim. Potencial terapêutico da participação em movimentos sociais: um estudo a partir de militantes do MST. **Saúde e Transformação Social**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 72 – 83, 2017.

ROSA, Marcela Pereira; STRUWKA, Solange. Saúde mental em tempos de pandemia: os imperativos da situação-limite e as tarefas da psicologia. *In*: MENDES, Kíssila Teixeira; COSTA, Pedro Henrique Antunes da. **¿nuestra américa, nuestra psicología?** psicologia, crítica(s), caminhos possíveis. 1. ed. São Paulo: lavrapalavra, 2022.

TAMBELLINI, AnaMaria Testa; MIRANDA, Ary Carvalho de. Determinação Social da Saúde. *In*: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VERGÉS, Armando Bartra. Campesinato. *In*: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

ZARREF, Luiz. Agroecologia e o MST, 2018. Disponível em:
<https://mst.org.br/2018/10/24/agroecologia-e-o-mst/#:~:text=A%20agroecologia%20%C3%A9%20uma%20coevolu%C3%A7%C3%A3o,nossos%20coletivos%20e%20nossos%20territ%C3%B3rios>. Acesso em: 09 de nov. de 2022.